



NÃO HÁ OÁSIS NO DESERTO

Hoje foi a vez da diarista e outras mais

O jornal anunciou o assassinato de cinco mulheres por seus homens

Outro dia uma juíza foi morta na frente das filhas

Em outros dias, horas, meses, anos,

Agora, agorinha

Por séculos dos séculos, amém e ai de nós

Elas têm se revezado como em uma corrida em meio ao deserto

Uma a uma acredita no oásis e sucumbe:

A bruxa

A frentista

A cabelereira

A advogada

A professora

A escritora

A costureira

A médica

A manicure

E assim vão morrendo de morte matada, todas

Não há filhas nem filhos capazes de salvar daquele que se entende escarnecido, ainda que seja o pai

Era necessário esfaquear dezesseis vezes para que voltasse ao seu lugar

Sucumbir diante das filhas ou filhos é um morrer sem fim,

É cortar o osso e segurar a dor

CÁTIA CASTILHOS SIMON



TEMPESTADE NO AMIANTO

Um dia eu vi uma tempestade
De vento se armando
De promessa de chuva
Grossa

De promessa de gelo
Em blocos
Destruindo carros e
Janelas

Vi as árvores balançando
Entre trovoadas e raios
E o céu escurecendo
Como se fosse uma noite

Um dia eu vi a tempestade
Destruindo o telhado
De minha casa
Machucando

A cabeça de minha mãe
Um dia eu vi
Ensanguentada
E era púrpura, vermelho

Vi a tempestade e fui
Para o meio dela
Dizer que eu não tinha
Mais medo.

ADRIANE GARCIA



A POESIA ACALMA

Meu chão vem forrado
de palavras, são bem
ou mal encaixadas,
não importa se arrumadinhas
estão. É o meu chão, às vezes
caio, a cabeça arrebenta,
mas a cola não deixa
que ela permaneça sangrando,
vou rasgando o meu viver,
testemunhando um novo parecer,
minha alma está serena,
minhas rimas fazem um
cafuné em cada alma e acalma.

MARIA DE FÁTIMA DE SÁ SARMENTO





O TREM

A locomotiva arranca feito foguete
Os trilhos cantam Bandeira:
*“Café com pão, café com pão
Bota fogo na fornalha”.*
E o foguista obedece.
Entra Solano a bradar:
*“Tem gente com fome
Tem gente com fome”.*
E o foguista endoidece!
Enquanto a história acontece
O trem desapareceu.
Visito-o bem comportado
Em um canto de museu!

MARIA RITA PY DUTRA





LUZ

vamos agora
que esta luz está boa
este dia de nuvens
melhor que o sol
estourado
este dia azul
mais que amarelo
vamos que é agora
esta foto
para a posteridade
mais que nós mesmos
podemos saber
se nem estivermos
mais juntos
nela, estaremos
nenhuma fotografia
se mede
em segundos

ANA ELISA RIBEIRO



ECO SOCIAL

Quem eu sou?
Quando me adentro nesse profundo de mim
Não encontro nada
Só o vazio...
O vazio sobre essa coisa de vagar
Esse corpo que age ao seu comando
Voz alta
Direita, esquerda_ volver ...
Bomba_ violência!
Não tenho ar
Onde foram os meus irmãos?
Onde é o meu lugar?
O meu vazio grita!
Grita forte em disperso som
Não consigo captar, não distingo
Aveso sem compreensão
Pernas cansadas
Ouvidos anestesiados
Não as sinto...
As pernas!
A única coisa real
Cacofonia, ruídos
Minha alma que não cabe em mim
Silêncio
A sua santidade me envergonha
Me me sinto pequena
Fora do vácuo
Quem eu sou?
Eu eco
Liberte-me das grades que me retém
Eu não sou refém
Nem de ti.



FERNANDA LIBERATO BORGES

NEGRA

Negra
Palavra
Bendita
Que saiu
De tua boca
Como insulto
E que transcende
Em minha dança
Em minha história
Em minhas crenças
Em minha luta
Em minha vitória
Que corporifica
Em meu sorriso
De perplexidade
Da tua pobre
Medíocre ignorância!

LILIAN ROCHA





POEROTISA

Nem
ninfomaníaca
nem
simulacro erótico
Poetizando com a vida
Erotizando
com as palavras
Lambendo com
a língua portuguesa
Arrepiando os poros
dos leitores
Sexo
Vida
Revolução da poetisa

ANA DOS SANTOS





MEMÓRIA

memória
memória, essa lâmina que não vem só com corte mas o cheiro dos móveis o vapor do
olhar a temperatura do dolo
as horas em torno
memória, esse som
que escava
regurgita
apodrece
o urro mais largo
o vazio da prece
memória, essa língua dentada
esse punho tombado
essa voz sem assento
memória
esse eco sozinho
esse tempo sombrio
a saudade de cada
memória,
esse espólio de guerra

DHEYNE DE SOUZA





TAREFAS DA MULHER

Na lua minguante
abraçar histórias
reconhecendo as próprias geografias
aninhar o próprio mundo interior.
Na lua nova
desapegar dos medos
trançando ações
separar do passado o que foi bom. .
Na lua crescente
ser horizonte liberto
honrar as quedas, abrindo as asas.
Na lua cheia
o corpo dilatado de desejos
viver o amor, amando a si.

MICHELLE C. BUSS



QUARTO EM DESUSO

Na curva perigosa dos quarenta
 Glosei desamor. Que dor!
 Que pisada bruta sobre a flor
 Que não rompeu o tédio
 o ódio
 o nojo
 Meu deus! Por que me abandonaste?
 Se sabias que eu não era deusa
 Se sabias que eu era frágil
 O primeiro amor passou
 O segundo amor passou
 O terceiro amor,
 O pão que o diabo amassou
 Vamos, não chores
 Guardaste um amor calado
 Quase mudo
 Que de natural silêncio já não há
 Mas tens um cão
 Amantes são meninos estragados
 Pelo mimo de amar
 E não percebem
 Somente não percebem
 Aquelas palavras duras,
 E atos, te golpearam
 Nunca, nunca cicatrizam
 Mas virão outros
 Ficaste gauche na vida
 Espiando os homens
 Que correm atrás de mulheres
 Eu não devia te dizer
 Porém meus olhos
 Não perguntam nada
 Em “Tudo que eu pensei mas não falei na noite passada”





HELENA TABATCHNIK

A MULHER QUE NÃO QUER SER NARCISO

Minha imagem no espelho
Seduz-me sem obsessão
Desejo olhar-me
Sem deixar escapar detalhes
Apreciar-me em pormenores
Um rosto, uma essência, eu
Narciso é outrem
O amor próprio é curativo
Vasculho pedaços de mim
Meu alimento é extraído
Das fontes de minhas vivências
Não sou Narciso
Amando a si apenas
Na solidão de sua presença
Sou matilha, sou clã
A beber na taça, onde imagens humanas
Devolvem-me o doce hálito do amor
Não sou Narciso
Narciso é outrem
Meu amor pelo mundo é abundante

MAGALHE OLIVEIRA



QUEM É ESTA MULHER

Quem é esta mulher que de amor se veste
 E na criação e formação investe?
 Que se divide sem se diminuir
 E se multiplica ao se dividir?
 Quem é esta mulher de tão singelo encanto
 Que tantas vezes sorri para esconder o pranto?
 Quem é esta mulher que no servir se engrandece
 Quando, em favor do outro, de si mesma esquece?
 Quem é esta mulher que protege o ser que gera
 E para defendê-lo, quando preciso vira fera?
 Quem é esta mulher que sem ser bela encanta
 E, mesmo pequena no porte, se agiganta?
 Essa mulher é quem nos gerou e saciou a fome
 É quem, na hora da dor, invocamos o nome
 E é aquela que queremos sempre ter por perto
 Para nos direcionar ao caminho certo.
 Essa mulher é quem nos dá ânimo e alegria
 E que, pela sua fé, a Deus nos aproxima.
 MÃE é esse nome santo que não encontra rima
 Porque traz em si mesmo toda a poesia.

IRENE FERNANDES DOS SANTOS





HOMEM DE VERDADE

Parem as máquinas, rufem os tambores,
quero toda vossa atenção, vosso espírito, senhores,
pois que aqui vos apresento um homem de verdade.
Peça nada rara do nosso patrocinador “museu de velhas novidades”.
Anda firme pelas ruas, fala alto, um terror
com quem ouse tomar liberdades.
Mas não pense que, por isso, o moço é agressor
só confronta quem não conta na sua fila de igualdades,
nem tampouco é um bronco, faz versos para o grande amor
jurando todos os sentimentos, menos, é claro, lealdade,
que há sempre uma saia, um decote encantador
que o obrigam a certas – hum – proximidades.
Mesmo que a moça não queira, que corra, que fuja,
“Ah, que bruxa!” negar seu assédio tão galanteador.
Eu sei, te disseram que homem sério é assim esse alarde
do dedo em riste, sexo rijo, do dominador
do nunca triste, que sempre insiste, do comedor
de tudo que não existe, mas sustenta um discurso opressor
porque quanto mais alto se grita
toda essa masculinidade
mais sabemos, felizmente,
que não condiz com a realidade.

MARIANA IMBELLONI





UMA CASA

Quatro paredes não são uma casa.
Quatro paredes sob um teto não são uma casa.
Uma casa é onde um coração dorme em paz.
Uma casa pode ter uma lareira e não ser um lar.
Quatro paredes não protegem ninguém.
Às vezes, é melhor não trancar a porta.

MARIA ALICE BRAGANÇA



CINTILÂNCIA

Flores rendadas
 se abriam em tua carne
 como um vestido
 bordado a borboletas.
 Flores intensas
 na malha de teus poros
 realçando a nudez dos mistérios gloriosos.
 Peixes alados e folhas tremulantes
 desenhadas na pele reinventada.
 Assim te vi (me vi)
 nesta veste tramada na epiderme.
 E então, despida de tecidos,
 ficaste só a ser.
 Parada.
 Na imensidão do corpo.

LÍGIA SAVIO





A DOIS CORAÇÕES

Partir teus restos, perder teu rosto, ser um pouco mais
Esquecer a história, desvendar teus sonhos, ser muito mais
Do que pequenos espaços
Ocos, poucos, roucos...
Solta tua voz!
Solta teu sorriso!
E descobre que acordar pode ser bom
Embora o sono repare o tédio
O despertar é urgente
O despertar não espera
Embora sempre haja um novo tempo
O tempo do agora
Tempo de vozes e cheiros
Que te pedem o silêncio
Que se perdem em tua mudez
Mas se encontram em teus gritos
Tristes ritos, inerente a nós...
Envolventes
Sedentos
Famintos
Infinitamente sós!

GIULIA PEGNA E BRUNA HERCOG



CONJUGANDO O VERBO AMAR

Na primeira pessoa
 Sempre conjuguei o verbo amar
 Eu te amo. Eu te amo.
 Eu, sempre eu!
 E ele? Ele me ama?
 E tu? Tu me amas?
 E vós? Vós me amais?
 E eles? Eles me amam?
 Chega!
 Não usarei o oblíquo te
 Trocarei por um me
 Quer saber?
 Eu me amo! Eu me amo! Eu me amo!

ANA MARIA CASTELO BRANCO





QUEM COM SENTE

Nós que temos bailado entre a angústia e o forjar de novas esperanças, procurando a nota certa que não ensurdeça os ouvidos diante do que é preciso escutar, mas que também não os embale como se nada houvesse a temer; nós que temos procurado avidamente por parceiros cujo olhar nos reafirme que não enlouquecemos e que sim, são outros os valores a serem cultivados, nós sabemos o quanto necessitamos da Arte. Nós e aqueles que a têm tentado estrangular, justamente por conhecerem sua potência, descumprindo editais, interrompendo patrocínios, difamando profissionais. Nós e aqueles que defendem como sendo liberdade de expressão o riso que reafirma a posição do opressor sobre o oprimido, que dizem acreditar ser justiça o extermínio de quem não serve a seus interesses e que professam a fé num Deus que dizem estar acima de tudo, sem, no entanto, revelar a quem assim estão designando. Nós que precisamos, mais que nunca, que haja aqueles capazes de dizer o indizível, de evidenciar os seres de linguagem que somos, nós precisamos também lutar por sua viabilidade.

É nossa tarefa, enquanto respeitável público, impedir que tratem como supérfluo aquilo que nos é vital.

DINAH KLEVE



PAREDES

Paredes que contam
 Paredes que falam
 paredes que escutam
 paredes que desenham
 paredes que encantam
 paredes que cantam
 paredes que contam
 paredes que choram
 paredes que ri
 paredes que alegam
 paredes que reverberam
 paredes que grafitam
 paredes que poetizam
 paredes contidas
 Paredes que contém
 paredes contigo
 Paredes comigo
 paredes têm
 paredes tinham
 paredes que dividem
 paredes separam
 paredes delimitam

Paredes que libertam
 Parentes que torturam
 paredes que isolam
 Paredes que consolam
 Paredes que destrói
 Paredes que constrói
 Paredes brancas
 Paredes cinzentas
 Paredes pretas
 Paredes coloridas
 Paredes trincadas
 Paredes texturizada
 Paredes textualizada
 Paredes reformadas
 Paredes restauradas
 paredes resistentes
 Paredes resilientes
 paredes entre parênteses
 somente paredes.

JANINE BERNHARD



NUA BANDEJA MANHÃ

Senti o calor dos pães, quentes
Meus dentes neles, crocantes
Espera, vem primeiro aqui,
Quero-te contar
Um sonho nosso
Era assim
Tu me chegavas
Tinhas fumaças nos olhos
Em volta do corpo todo
Como nuvens,
Não lembro,
E quente como o pão
Esse pão que mordo agora
Quis te morder assim
Roubar tua carne em pedaços
Enfiar os dedos no teu meio
Arrancar
Indelicado
Os miolos macios
Molhar no pingado
E sorver
Quis logo acordar
E comer-te
Mais desejo
Quero ainda ser tua refeição
completa
Com uma faca cega
Não vê onde desliza,
Todo alimento
Meu chocolate?
Não!
Não digas chocolate
Que só às vezes!

Quero que tenhas
Teus chocolates,
Que os derreta na boca
Que sejam amargos ou doces
Mas eu, desejo mais
Quero ser teu pão
Matinal desjejum
Tu
Cortar-me em fatias
Nem bem acordas
Eu, pão, sem mim teu dia não vinga!
Se não me mastigas pela manhã
Como enfrentar o dia lá fora da
porta?
É triste.
Acompanho com meu leite
Que te ferve, derramo
Mancha a roupa
O canto da boca
Sol!
Vem agora
Que nosso ninho ainda morno
espera
E hoje é domingo pra nós!
Aurora

KARINA MAIA



ASSÉDIO | TÂNIA LOPES

Tudo começa (e sempre
recomeça)
devagar...
Principalmente quando
vens me
tentar à noite... (e aí sei
que
amanhã será dia de abrir
sorrisos e
pensar liberdade!)
Primeiro te ouço, entre
sono, depois
despertada abruptamente
quando te tornas
insistente...
E então fazes longa e
insone minha noite...
Ah! E vens “caliente” e
suplicante,
Ousado, esfuziante...
Viro-me
Reviro-me
Com teu calor contagiante
Que me enlanguesce
me baixa a pressão
me enlouquece...
Quero dormir
simplesmente...
Mas como, se insistes?
Falsa, renego
e nem assim desistes!
E sabes (como não sei)
da influência e
perturbação que me
causas...
E te repetes
e te renovas na repetição
(coisas da paixão)...

Às vezes tentas tática
nova,
acalmas um pouco...
Ah! Falsa calma, me
enganas,
começas de novo!...
Lentamente
sorratamente
e num crescendo
sofregamente...
Com ânsia e constância:
—cobra perigosa, silvas
—lobo das estepes, uivas
—corcel garanhão
galopas...
Aí me entrego...
Não...não ti, mas a tua
lembrança
que vem de longe,
quando eu nem sabia que
teu
magnetismo,
comigo bulia,
E a extensão dessa paixão
não
entendia...
A primeira vez, lembro
ainda, mexias
comigo,
quando eu brincando de
espiar
o mundo por outra ótica
(olhando pelo vão das
pernas de
cabeça para baixo)...
a roupa esvoaçando e
senti vergonha

pelo calor que me
causavas...
—Vem pra dentro,
menina!—
Exclamava a voz sempre
presente
(a contornar perigos,
a evitar tentações)...
Ah! Mas quem diz que se
ouve, quando
se deseja mesmo é
experimentar?
(nem que se quebre a
cara
nem que se rompa o elo)
(e intuitivamente
sabemos que será
apenas um, em tantos
de correntes que nos
amarram e
amarrarão sempre)...
Ah! Mas tu não conheces
laços, és
livre e despudorado e
de tempos em tempos,
vens me
tentar!
Desconfio que deves
morar por aqui
(ou, como eu, fizeste
morada)
nesta terra de tanta
sorte...

Ou quem sabe vens por
mim
Tua namorada?
Azar teu,



(e sorte minha) Ao teu assédio
Que sou forte VENTO NORTE!
Pra resistir
SANTA MARIA OLHA SUA LOCOMOTIVA | HAYDÉE S. HOSTIN LIMA

Uma locomotiva
Estacionou para sempre
Na Avenida (bem longe do seu berço)
Uma locomotiva fria
Uma cicatriz
Uma locomotiva vazia
Sem sua gare
Sub(traída) dos seus vagões
Uma locomotiva em (de)composição
Uma locomotiva na Avenida
Uma des(composição)
(nos trilhos vagões cegos
passam calados carregados
de transgênicos vindos de longe
rasgando ainda mais a ferida)
Uma locomotiva na Avenida
Perplexa
Exposta com sua nudez
Ferro-aço não se acendem
Às viagens
Aos sinais não apita mais
Uma locomotiva
Só uma
Nos ensina
Ferro / Velho
Via / Férrea
Velha / Via
Ferro / via
Uma locomotiva lo(comovia)
Uma multidão
Hoje lo(comove)
Em solidão



DAS DÁDIVAS DE SOBREVIVER | NATÁLIA PARREIRAS

Se ergo os meus braços
É porque elevei aos deuses
A fúria e a paixão
Todas as vezes
Que me levaram ao chão.
Sim, eu me arrastei com a gana
Das víboras
Troquei de pele
Sangrei até o estancar das feridas
E contrariando outros espécimes
– E expectativas –
Cá estou, viva!
Como dói remexer-me
Nas cinzas...
Perceber o pouco e todo acaso
De tudo que já existi
E que antes mesmo do que agora jaz
Já existira...
Mas a minha dor é tão pequena
Ante à impossibilidade de tantas presenças
já idas...
Quantos queriam ter um corpo
E ter ossos
E ser matéria livre neste mundo
Pra reencontrar um abraço!?
Se dói, meu Deus,
É porque estou lúcida a ponto
De diferenciar cada uma das sensações,
É porque conheço o bem-estar,
O prazer e o estado de cada coisa
Que me realiza.
Sim, eu ergo meus braços
E agarro o nada
Fosse meu bote salva-vidas
No deserto...
De nada eu preencho

O medo
A dor
E a lembrança da saudade
E do afeto...
– Porque ainda sou digna desta vida –
E, para não esquecer,
Eu faço versos



suportas 50 minutos daquela conversa, como o homem suportou cinco encontros?

**“QUER SABER? NÃO SOU OBRIGADA”
SAÍLE BÁRBARA BARRETO**

E então uma amiga de infância te convida para um café. E tu pensas “que bom, vou dar umas risadas, lembrar meus tempos de criança e comer um pedaço de bolo de chocolate.”

Ledo engano. Ela senta na tua frente e não tem nada de bom para dizer. Só reclama. Não está feliz no trabalho, no amor, na vida. Ela quer ganhar mais, quer um carro melhor, grana para viajar e também o impossível: voltar no tempo. Prestes a completar 40 anos, tua amiga fala que tem 35...

Sim, para ela a felicidade “se foi” com o término dos vinte anos e é inalcançável com a proximidade dos quarenta. Ela decidiu permanecer nos trinta, mas tem que ser “em dupla”, de preferência com um homem “bem sucedido”. Tua amiga não acredita em felicidade individual.

E tu ficas olhando para ela, balançando a cabeça, esperando o momento em que a conversa mudará de “rumo”, mas, passados 45 minutos, isso não acontece. Nada acontece de diferente, além do chantilly do cappuccino se esparramar pelo pires.

Nenhuma tentativa de lembrar os tempos de escola surte efeito também. O tema sempre é deixado de lado e a conversa volta a girar em torno do dinheiro que ela acha que precisa ter e de sua última decepção amorosa com um homem que desapareceu após o 5º encontro. Passa uma ideia cruel pela tua cabeça: tu não

Sabe, tu até queres ser solidária. Tu até que tentas consolar a pobrezinha, mas não adianta. Ela decidiu ser infeliz. Não enxerga que é magra, que é bonita, que tem uma bela profissão e uma família amorosa. E o que é pior, não satisfeita com a própria infelicidade, ela critica a tua vida, o teu corpo e até teus pensamentos. Quando ela percebe que só está falando de si mesma, começa a te “dar atenção”, traduzindo, te criticar.

Ela decide que precisas querer mais. Como assim rir de si mesma? Como assim estar satisfeita com o que já foi conquistado? É “do ser humano” ter ambições maiores. Ela diz exatamente isto: que te falta ambição, te falta discrição e também um corpinho de miss. Não deverias ter desistido das aulas de Yoga. Deverias te cadastrar em algum site de encontros amorosos e sair mais à noite. Quem sabe alguém te apresente um amigo, um primo. Ela sugere isso e também que não escrevas tantas coisas na internet, pois as pessoas que curtem não são tuas amigas como ela é.

Mas quer saber? Não és obrigada.

Não precisas ser apresentada, tu te conheces e fazes as tuas escolhas. E a tua escolha naquele exato momento é fugir. Tua escolha é acabar com aquela tortura de uma vez por todas, levantar da mesa com uma desculpa qualquer, pagar a comanda e ir embora sem olhar para trás. Tua escolha é riscar essa amiga infantil da tua vida adulta. Ela ainda não cresceu. Algumas amigas de infância não crescem, talvez por isso sejam chamadas de amigas de infância, para que nunca saiam de lá.





VAMOS FALAR SOBRE RELACIONAMENTO ABUSIVO? | NIKELEN WITTER

Seja direta é clara, diga o que você permite e o que não permite. Não se trata de brigar, muito menos de bater boca. Qualquer tipo de relacionamento é feito de acordos. Por isso não abra mão de participar da constituição desses acordos. Nada de “você que sabe, amor”. É a sua vida, a sua felicidade, não brinque com isso, nem coloque nas mãos do outro. Diga não, é saudável até para o maior dos amores na Terra.”

Eu resolvi escrever o sei. Não é muito, mas talvez sirva para alguém. O que sei sobre isso?

- 1) Sou feminista há muito tempo, já o era quando entrei na adolescência. Logo, mesmo sem usar esse nome na época, um relacionamento desigual, que me sujeitasse, já era uma preocupação minha.
- 2) Eu nunca vivi um relacionamento abusivo. Não, não foi sorte, foi atenção para as armadilhas. Foi me dar conta e evitá-las antes que ficassem grandes demais para eu lidar com elas. Foi me preparar e ser preparada para colocar a mim mesma acima de uma ideia de amor romântico.
- 3) Tento, desde há muito, praticar um feminismo de escuta, e percebo o quanto as ideias de sacrifício, de “eu e meu amor contra o mundo”, de “nosso amor é para sempre”, “nunca vamos nos separar”, “faço qualquer coisa por você” e toda a parafernália do século XX sobre amar e estar apaixonad@ pesam na estrutura dos relacionamentos abusivos.

E, disso tudo, o que eu posso dizer é o seguinte, de A a Z:

- 1) Nenhuma violência começa grande. Ela se inicia pequenininha, quase imperceptível, mas, acreditem, ela já está lá, num sinal minúsculo é vermelhinho de perigo, tão logo o encantamento começa a se transformar em intimidação. Então, fique atenta:
 - a) Piadas repetidas em que você é o alvo principal. Meu bem, deboche quando vem de um lado só (que é a forma mais comum) pode descambar facinho para a falta de respeito. Seja direta é clara, diga o que você permite e o que não permite. Não se trata de brigar, muito menos de bater boca. Qualquer tipo de relacionamento é feito de acordos. Por isso não abra mão de participar da constituição desses acordos. Nada de “você que sabe, amor”. É a sua vida, a sua felicidade, não brinque com isso, nem coloque nas mãos do outro. Diga não, é saudável até para o maior dos amores na Terra.
 - b) Fique atenta em como seu amor age com você na frente dos amigos dele e dos seus amigos. Tem diferenças significativas? Ele te interrompe quando você fala, usa a frase “ela quis dizer” (especialmente com os amigos dele), desfaz da sua fala (mesmo que sem palavras), usa coisas sobre você para se autoafirmar diante dos outros? Ele responde a suas reclamações sobre o comportamento dele com você diante dos outros com: “você está exagerando” ou “foi só uma piada”? Promete que não vai acontecer de novo e acontece? Miga, fica atenta!
 - c) Ele faz inspeção na sua roupa ou na das suas amigas.
 - d) Fala mal de suas e seus amigas e amigos de longa data; chegando a dizer ou demonstrar com beicinho e emburramento que não gosta que você os veja.
 - e) Ele dá entender que acha que a sua felicidade depende da presença dele e faz ceninha caso você esteja se divertindo sem ele.
 - f) Filtra informações para você.
 - g) Diz que vai te proteger de tudo. Leia o subtexto: fora desse relacionamento você está em perigo. É isso o que ele está dizendo. Então, pergunte: proteger do que, exatamente?





- h) “Eu vou fazer tudo por você”. Deixa eu adivinhar: parece que ele disse “eu te amo”, não é? Não, meu bem. Ele disse: eu fazer tudo por você. Você vai depender de mim, porque, EU VOU FAZER TUDO POR VOCÊ.
- i) Ciúme não é sinal de amor, é sinal de insegurança. Se você tem ciúmes, reflita sobre o que a deixa insegura e liquide com isso. Um amor é bem melhor com confiança.
- j) Ele curte te provocar para te ver braba? Você até dá uns tapinhas nele e ele ri? Não dê! Não aceite esse tipo de jogo. Você só contribui, sem saber, para ser pintada como braba, louca, desequilibrada. Você bate na frente dos outros, um dia pode estar apanhando sem que ninguém veja e ninguém vai acreditar em você porque, afinal, você é tão braba, não é?
- m) Não mude sua essência por ele. Por mais que ele te adore, o amor só transforma sapos e monstros em príncipes nos contos de fadas. Nossa sociedade ensina aos meninos que se modificar por uma mulher é um tipo de fracasso pessoal. Então, miga, não coloque suas fichas nisso. A aposta é alta demais e o risco é quase todo seu.
- n) Ele diz que faz qualquer coisa para você continuar com ele. Diz que você não sabe do que ele é capaz. Não pague pra ver. Acredite, amor desesperado só é bonito e bom em filme. Sem não estiver recebendo um cachê bem alto não embarque que é furada.
- o) Dar certo não quer dizer para a vida toda. Quer dizer que é muito legal enquanto for muito legal. Quando deixar de ser, significa que a gente vai lá continuar sendo feliz de um outro jeito. Não ponha a sua felicidade em estar com alguém.
- p) Lembre que a maioria dos meninos também foi criada acreditando nesses clichês todos, acham que isso é uma forma de amar. Adote o jogo limpo. Lembre dos acordos prévios que devem ser estabelecidos e conhecidos pelos dois.
- q) As reações dele quando você se comporta como ele, dizem muito!
- r) Ele tem ataques de raiva? Mesmo que não sobre para você, mesmo que não seja sobre você, mesmo que você tema pela saúde dele: diga para ele esfriar a cabeça sem usar essa raiva para erguer a voz para você, falar entre os dentes, ou xingá-la. Não aceite o argumento de que ele te faltou com o respeito por estar nervoso.
- s) Estar sem um relacionamento não é feio, não é ruim, não é um fracasso. Não deixe ninguém fazê-la acreditar nisso.
- t) Banque -se. Emocionalmente. Socialmente. E, na medida do possível, financeiramente.
- u) Se estiverem dividindo um lar, a louça, o banheiro, as roupas para lavar, secar e passar são dos dois. Se ele não souber ensinar. Não assuma ser responsável por algum senso de dever do tempo do epa! Lembre dos acordos prévios!
- v) Respeite os lances que são só dele. Não o deixe dependente de alguma ação sua, pois ele pode querer contrapartida. Exija o mesmo respeito para os seus lances.
- x) Tenha amigas!
- z) Seja feminista.



de balaclava

percorro o clube

as balas já

explodiram

muitos seguiram

em naves-mães

minha musa

não-binária

é uma rubberdoll

de máscara negra

e cabelos

platinados

inflo seus seios

suas ancas

pinto seus olhos

de lápis verde

visto sobre

o meu catsuit

um corset de látex

estamos incógnitas

e extremas

minha doll e eu

unidas fundidas

dressed for pleasure

no momento fugitivo





entre sombras

e luzes do norte

VIRNA TEIXEIRA

INFÂNCIA | MARIA ALICE BRAGANCA

Escancarei minha porta aos fantasmas,

aos que rondam o mundo à noite,

aos que assombram os consultórios de psicanálise,

e ao que me espreitava sob a cama.

Infância. Terra de sombras.

Um dia é preciso voltar a ela,

a sua fantástica e terrível realidade,

e, simplesmente, dizer:

– BUUU!

O que era monstro,

apenas sombra do armário.

Fantasmas da insônia, do escuro,

do pensamento.

O ruído nas escadas?

Madeira velha que estala.





Mas este sentado no sofá?

Quem será?

SANTA MARIA ENTRE A MEMÓRIA E OS AFETOS ROSANA ZUCOLO

Santa Maria completa hoje, 17 de maio de 2021, 163 anos. Um pouco mais de um século e meio de história constituído por registros diversos, reveladores de vidas e construções que se diluem no tempo, na memória de uns e outros, não necessariamente na mesma direção ou versão. E talvez seja melhor dizer do tempo de Santa Maria como o das memórias afetivas que traçam um perfil de cidade a partir de cada pessoa e para ela.

Lembro de, criança, vir a Santa Maria visitar meus avós maternos, tias, tios e primas e primos. A viagem era feita de trem desde Rosário, passando por uma movimentada estação em Cacequi antes de chegar à gare, em Santa Maria. Para quem não deveria ter mais do que 6 ou 7 anos, chegar ao centro ferroviário do RS era se deparar com o progresso, a metrópole, outro mundo. Ainda lembro do fascínio que o enorme relógio, pendurado sobre a porta da plataforma da estação férrea, causava aos olhos da menina agarrada à mão do avô com medo de ser perdida na multidão que circulava a cada chegada e partidas.

Anos mais tarde, com o fim dos trens de passageiros, restava percorrer as estradas de chão em ônibus que carregavam muitos passageiros, sentados e em pé, por cerca de 4 horas. Ou ainda, vir de carro, “comendo” pó e enjoada com os cheiros de óleo dos motores. Mas ao chegar, percorrer a Borges de Medeiros e entrar na rua Dr. Bozzano (o sentido era, então, inverso do atual) a primeira imagem que se via era o edifício Taperinha e um moderníssimo recurso publicitário no alto do prédio: uma enorme garrafa de Cyrillinha, em néon, enchia uma taça num movimento ininterrupto. Era outro e sedutor universo.

Meus avós moravam na Avenida Rio Branco, no apartamento do seu Brilman e acima da loja que ele mantinha no térreo, ao lado do Hotel Tupy que recebia muitos viajantes. Sempre vou lembrar da Rio Branco e suas inúmeras revistarias com os expositores nas calçadas. Cada uma ofertava uma variedade de revistas às quais só se tinha acesso pela chave do dono. O mesmo para os bilhetes de loterias, as carteiras de cigarros Minister e Hollywood e as inevitáveis guloseimas para os pequenos.

Dias de feira livre eram também dias de festa. Elas ocupavam várias quadras transversais à avenida, reunindo gentes diversas e ofertas variadas. Meu avô sempre percorria a feira com os netos, buscando a encomenda da avó e da tia. Nunca faltavam as ervas medicinais, nem as longas conversas com os feirantes. Talvez venha daí o meu gosto por feiras ao ar livre.

À noite, as luzes da avenida iluminavam os bancos dos canteiros centrais onde os vizinhos e a gurizada se reuniam para conversar e brincar, cuidando o fluxo dos carros, uma vez que era a via mais disputada pelos passeadores. Vimos o início da construção do prédio nunca terminado e hoje à espera de uma decisão do poder público sobre o seu destino, e o deslocamento do centro da cidade para outras áreas, deixando a Avenida Rio Branco entregue ao seu passado.





Depois vieram as rápidas passagens pelos cursinhos numa época em que era possível matricular-se em disciplinas isoladas. E todos corriam ao Master para as aulas de matemática do Ivo, ao Agostinho para as de química com a Ana Jamille, e o Riachuelo, instalado na esquina da Rio Branco com a Vale Machado, recém iniciava sua jornada. Vestibular, faculdade, as turmas, a militância estudantil, a Resistência e a luta pelo fim da ditadura, debates, a criação Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria, a Cesma. As ruas, o café Cristal, a sorveteria São João, a confeitaria Copacabana, os cines Glória e o Independência, o RU, a boate do DCE, a organização da primeira feira do Livro na praça Saldanha Marinho desenhavam o circuito dos universitários.

E veio a greve pela autonomia da universidade e o plano de carreira dos professores. Durou três meses e teve corte de salários, também o apoio da cooperativa que ficava nos fundos da antiga reitoria e do sobrado que abrigou a primeira sede da Cesma, do comércio local que rolou as parcelas do crediário dos professores até que a greve terminasse com a queda da última Ministra da Educação do período da ditadura, Esther de Figueiredo Ferraz, e a única mulher a ocupar a pasta até hoje.

Em meio a isso, veio a família e os dois filhos, o mestrado na UFSM, o trabalho simultâneo de assessoria ao Sindicato dos Bancários e ao Sindicato dos Professores Municipais, ao Movimento pela Constituinte junto ao Sindicato dos Metalúrgicos e aos Movimento de Defesa dos Direitos Humanos. Nasceu também aí o movimento cineclubista precursor da TV OVO que está completando 25 anos também nesse mês de maio. Depois o trabalho na UFSM e na UFN, então Unifra, e ciclos de idas e vindas.

Um amigo diz que Santa Maria sempre traz de volta, de algum modo, quem passa por ela. Narrativas históricas e pessoais não cabem num artigo, mas Santa Maria é assim, um espaço de memórias e de afetos que a gente carrega vida a fora, aonde quer que esteja.

